

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
2 e 30 de março de 2026

2046 / 2004

2046

um filme de Wong Kar-wai

Realização e Argumento: Wong Kar-wai / Fotografia: Christopher Doyle / Direcção Artística e Montagem: William Chang Suk Ping / Música: Peer Raben, Shigeru Umebayashi, Georges Delerue, Zbigniew Preisner / Intérpretes: Tony Leung Chiu Wai (Chow Mo Wan), Li Gong (Su Li Zhen), Takuya Kimura (Tak), Faye Wong (Wang Jing Wen, andróide no comboio de 2046), Zhang Ziyi (Bai Ling), Carina Lau (Lulu/Mimi/andróide no comboio de 2046), Chang Chen (namorado de Mimi), Sum Wang (Mr Wang/capitão do comboio), Siu Ping Lam (Ah Ping), Maggie Cheung (Su Li Zhen 1960), Jie Dong (Wang Jie Wen).

Produção: Wong Kar-wai (China/Hong-Kong/França/Alemanha) / Cópia: 35mm colorida, versão original legendada em português, 128 minutos/ Estreia Mundial: Festival Internacional de Cinema de Cannes de 2004, a 20 de Maio/ Estreia em Portugal: 18 de Novembro de 2004.

2046 é, talvez, o mais singular dos filmes de Wong Kar-wai. Porque, para além de ser um percurso pelo labirinto que constitui a sua própria obra, é, também, e em resultado disso, uma digressão pelos processos da criação e pelo trabalho da memória. O que, desde logo, este filme de Wong Kar-wai recorda, mais do que qualquer dos seus trabalhos anteriores, é uma acentuada filiação no cinema de Alain Resnais. Processo criativo e memória remetem-nos, naturalmente, para filmes como **Providence** e **L'Année Dernière à Marienbad**, mas a exploração do tema da «ficção científica», mais concretamente o das «viagens no tempo», colocam mais claramente **2046** na linha de **Je t'Aime, Je t'Aime**. Aliás, a função do comboio no filme de Kar-wai é a mesma da do estranho gabinete onde Claude Rich procurava reviver o seu perdido amor, e a personagem de Chow Mo Wan (Tony Leung Chiu Wai) revive e rememora também amores passados (sendo a referência imediata a do próprio filme de Kar-wai, «**Days of Being Wild**», onde o herói morre, reconhecendo que nunca poderia esquecer a mulher amada, interpretada pela mesma actriz, Maggie Cheung)

2046 é, de certo modo, uma espécie de «revisão» da obra anterior de Wong Kar-wai (que foi o primeiro realizador chinês a conquistar o prémio de Melhor Realizador no Festival de Cannes, em 1997), centrando-se principalmente em dois filmes, nas suas personagens e situações, concretamente em «**Days of Being Wild**» e **Fa Yeung Nin Wah/Disponível Para Amar**. Há como que um cruzamento de histórias e personagens, através do percurso labiríntico de uma figura, Chow Mo Wan (o mesmo nome da personagem que Tony Leung interpreta em **Disponível Para Amar**), e dos seus estranhos encontros com mulheres no «passado» e no «futuro» que, na sua diversidade, são, no fim de contas, uma só. As actrizes dos filmes referidos (Maggie Cheung em **Disponível Para Amar**, Carina Lau (**Days of Being Wild**) retomam as suas personagens que aqui parecem reviver ou recordar paixões passadas. Há toda uma série de experiências pessoais que aqui vão revivendo ao sabor das «viagens no tempo» através do comboio «2046», um número que toma aqui uma função mais ou menos simbólica (ele vem de **Disponível Para Amar**, onde havia um quarto com aquele número), pois trata-se também da data limite para o fim do «estatuto especial» de Hong-Kong. Não que Wong Kar-wai queira fazer sociologia sobre o processo de «adaptação», ou qualquer reflexão política, mas a data toma naturalmente uma

função mais ou menos mítica, representando uma forma de «tempo limite», que no filme é o lugar onde se vai buscar as memórias passadas de um tempo mais ou menos mítico, onde, através dessas memórias se reencontra o amor perdido, como em **Je t'Aime, Je t'Aime** desenvolve, e as viagens (numa estilização no melhor estilo da ficção científica), são como os longos travellings de Resnais pelos labirínticos corredores e jardins de Marienbad. E neste cruzamento de labirintos, memórias e coincidências de vários níveis temporais, passa também o olhar e estilo de um Jorge Luis Borges e outros autores de «labirintos».

Aqueles encontros e memórias de Chow com as mulheres da (sua?) vida confundem-se de forma singular. A personagem de Chow é, agora, a de um jornalista e escritor que, nos anos 1960, regressado de Singapura, arranja alojamento no quarto 2046 de um hotel. Como a imagem da banhista em **Barton Fink**, dos irmãos Coen, o número vai ser integrado na história que ele escreve, sobre viagens no tempo (uma história intitulada «2046»). Duas viagens vão ter lugar a partir de então. Uma mais «real», ao longo dos anos seguintes, acompanhando as decepções sentimentais, outra pelo processo de criação da história, onde um homem se apaixona por uma andróide, que não tem sentimentos, e a impossibilidade de alterar os seus próprios destinos de ficção, outro ainda pelo próprio desenvolvimento da ficção dentro da ficção. Há, pois, três níveis que se desenvolvem em paralelo, ou se sobrepõem, no desenrolar do filme de Wong Kar-wai, o real, o da ficção e o da memória, este último enredando-se no processo dos anteriores.

No campo estético, **2046** é um puro Kar-wai, com os seus sinuosos e insinuantes movimentos de câmara, a forma de captar em grandes planos os rostos dos actores e atrizes (principalmente estas), num estilo visual que explora um certo mistério e «irrealismo» que não deixa de evocar, também, os trabalhos de Joseph von Sternberg, a forma como o autor de **Morocco** se insinuava pelo rosto «adentro» de Marlène, que Kar-wai parece retomar nessa apaixonada obsessão pelo rosto das suas personagens e intérpretes.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico